

## GIDE E PEREC: OS DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Renata Lopes ARAUJO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta pesquisa visa o estabelecimento de pontos de contato entre dois escritores franceses do século XX, André Gide e Geroges Perec, por meio da análise de duas obras, *Les Faux-monnayeurs* e *53 jours*. O estudo dividir-se-á em três partes: a primeira traçará um breve histórico da chamada crise do romance francês, centrado-se em três momentos importantes – o Surrealismo, o Existencialismo e o Nouveau Roman – e buscará mostrar como alguns de seus reflexos estão presentes na obra dos dois autores. O segundo capítulo será, basicamente, um estudo teórico sobre dois conceitos aparentemente divergentes, mas que se encontram interligados nos textos de Gide e Perec: a intertextualidade e a influência. Por fim, passaremos à análise de três “pontos em comum” dos livros analisados: a *mise en abyme*, a questão do falso e o papel do leitor no texto. O objetivo é mostrar como motivos presentes nas obras de Gide reaparecem modificados na produção literária de Perec, e de estudar o modo como se dá essa releitura/reescritura.

**RÉSUMÉ:** Cette recherche a pour but l'analyse des liens entre les oeuvres d'André Gide et Georges Perec. En nous servant de deux de ses livres (*Les Faux-monnayeurs* de Gide et *53 Jours* de Perec), nous voulons étudier la façon dont chacun envisageait non seulement son écriture littéraire, mais aussi la littérature d'une manière générale et la présence de la tradition dans ses écrits, les quelques éléments qui ont été transmis de l'un auteur à l'autre et comment ces mêmes éléments ont été reinterprétés et retravaillés.

### 1. O SURGIMENTO DA PESQUISA

O assunto de minha pesquisa surgiu em 2003, quando fiz um curso monográfico na Universidade de São Paulo. Na época, eu já havia lido umas poucas obras de André Gide, mas não conhecia o escritor Georges Perec, do qual estudamos três obras entre as quais figurava “*53 jours*”, o último livro do autor, que falecido durante a gênese do livro; este foi *montado* por dois amigos do escritor, que resolveram adicionar à obra uma espécie de dossiê com algumas anotações feitas pelo autor. Essas anotações constituem um plano de trabalho bastante complexo e curioso, que mostra ao leitor as dúvidas e hesitações do autor, e também aquilo que ele gostaria de inserir na obra.

Ao ler esse dossiê, minha atenção dirigiu-se logo a duas coisas que aparecem bem em seu início: na primeira página, Perec esboça seu primeiro estratagema para a obra e, entre outros elementos, ele cita o “fonctionnement du livre dans le livre” (PEREC, 2001: 171), e essa frase me pareceu uma alusão bem clara a um processo literário, do qual tinha ouvido falar vagamente, conhecido como *mise en abyme*, bastante utilizado e, acho que podemos dizer assim, popularizado por André Gide, já que uma de suas primeiras definições aparece em uma das páginas do diário deste escritor. De modo bastante simplificado, a *mise en abyme* em literatura pode ser entendida como uma história dentro de uma história; entretanto, a história *interna* possui elementos que a aproximam da história *externa* e a refletem de uma certa forma. Isso pode ser feito de várias formas: em uma narrativa contada ou lida por um dos personagens, em um quadro, na descrição de

---

<sup>1</sup>. Mestranda em Literatura Francesa pela FFLCH - USP.

um objeto etc., ou por meio de alguns dos elementos da narrativa *externa*, como os procedimentos formais, estariam *refletidos* na(s) narrativa(s) dentro da obra.

O segundo fator do meu interesse está na segunda página do dossiê, na qual encontra-se uma outra frase intrigante: “Lire *Isabelle* d'André Gide” (PEREC, 2001: 172). De fato, eu já havia lido esta obra, e não tinha a menor idéia do porquê desta alusão feita por Perec. A partir daí, resolvi estudar a *mise en abyme* em “53 jours” na monografia de conclusão do já citado curso e, mais tarde, fazer da relação Gide-Perec o tema de minha dissertação.

## 2. O TEMA

Como eu tinha vontade de trabalhar com os dois autores, escolhi para a dissertação duas obras específicas: “53 jours”, pelos motivos expostos, e *Os moedeiros falsos*, de André Gide. Em 2003, enquanto preparava a monografia, deparei-me com esta obra e qual não foi minha surpresa ao encontrar nela a seguinte frase, dita por um personagem bastante interessante, o escritor Edouard, com relação a seu diário: “C'est le miroir qu'avec moi je promène” (GIDE, 2001 [1925]: 155). Esta frase é uma versão ligeiramente modificada da epígrafe do 13º capítulo de *O vermelho e o negro* de Stendhal que, por sua vez, também intitula a segunda parte de “53 jours”. Resolvi então que *Os moedeiros falsos* seria a principal obra de Gide em meu estudo.

Os dois escritores preocuparam-se, como muitos autores, com várias questões sobre o romance e a literatura de modo geral, sobretudo no que concerne o diálogo com a tradição literária. E este é o ponto de partida do plano de minha pesquisa.

Em um dos capítulos de *Os moedeiros falsos*, um dos personagens pergunta a Edouard a que o novo romance que este escrevia (cujo título também é *Os moedeiros falsos*) se assemelharia. Edouard, bastante descontente, responde à essa indagação com outra questão bastante interessante: por que sua obra deveria necessariamente parecer-se com qualquer coisa que já havia sido escrita, por ele ou por outro escritor, ou com alguma obra que viesse a ser escrita por alguém posteriormente?

Anos mais tarde, em uma conferência na Universidade de Warwick, na Inglaterra, Georges Perec afirma que escrever é sobretudo recuperar o que outros autores haviam realizado antes dele; todos os escritores, segundo ele, estariam intrinsecamente ligados àqueles que lhes antecederam, e até mesmo aos que os precedem e precederão. Para Perec, o escritor só se forma revisitando outros escritores, não apenas para prestar-lhes homenagem, mas lançando-lhes um olhar crítico e atualizando-os através da releitura e da reescritura. E é justamente essa reescritura seu projeto para “53 jours”.

O tema do trabalho era, bem no início da pesquisa, a aparente discrepância entre os pontos de vista de Gide e de Perec sobre o papel da influência na literatura. A princípio, imaginei que, no caso do personagem Édouard, se o *criador* transmitiu suas opiniões à *criatura*, para Gide um novo livro seria algo que pode ser dissociado de tudo aquilo que foi feito antes de sua criação; segundo Perec, no entanto, deve-se pensar o livro como parte integrante do grande quebra-cabeças que é a literatura, na qual este novo livro é uma peça que só faz sentido quando combinada a outras peças. Entretanto, ao longo de minhas leituras e reflexões, descobri que a frase de Edouard não faz referência ao problema da influência tal como eu havia imaginado, e que o conceito não é visto de

modo muito diferente pelos dois escritores, posto que ambos entendem-na como condição *sine qua non* para o fazer literário. Então, resolvi que esta questão faria parte de meu trabalho, mas que o tema central seria o que chamei de *diálogos possíveis* entre Gide e Perec, e como algumas teorias e estratégias textuais do primeiro reaparecem de modo diferente nos textos do segundo.

### 3. O PLANO DE TRABALHO

A dissertação será dividida em três capítulos. O primeiro (no qual estou trabalhando atualmente) trata da crise do romance, centrando-se especificamente no caso francês. Inicialmente, comparo as transições pelas quais passou o gênero à uma das teorias desenvolvidas por Frederic Jameson para explicar as muitas crises pelas quais passou e passará o capitalismo, segundo a qual este possui o germe das crises que o abalaram e o transformaram ao longo do tempo. Acreditando que o mesmo se dê com o romance por algumas razões (entre as quais a ausência de uma codificação rígida, como existe nos casos da epopéia e da tragédia clássica), é a partir dessa perspectiva que estudarei três momentos de mudança importantes para o romance e como alguns de seus ecos estão presentes nas obras de Gide e de Perec (na realidade, estas marcas são mais visíveis na produção deste último autor que na do primeiro): o surrealismo, o existencialismo e o Novo Romance.

O segundo capítulo é uma análise das teorias sobre os conceitos de intertextualidade e de influência e suas relações. Aparentemente díspares, estas noções encontram-se fortemente ligadas nas obras de Gide e de Perec. Por isso, resolvi partir do estudo de algumas das principais formulações sobre o intertexto (começando por Bakhtin, apontado por Júlia Kristeva como o "pai" do conceito) e tentar compreender seus problemas e implicações para o texto literário. Em seguida, comparei-as às teorias sobre a influência mais comuns, centrando-se em como e porquê esta ganhou sua conotação negativa. Isso feito, passo aos dois autores e ao modo como viam a presença de outros (não apenas outros escritores e obras, mas também de aspectos de suas biografias) em seus livros e em sua formação enquanto escritores.

O último capítulo (que já possui algumas partes em andamento) centrar-se-à nas dois romances anteriormente citados e nos pontos de contato presentes nas duas obras. Três elementos foram selecionados para estudo nesta parte da pesquisa: a *mise en abyme* (como se apresenta e por quais modificações passa de um autor a outro), a questão do falso (presente já nos títulos dos dois livros) e a relação existente entre o livro e o leitor.

### 4. CONCLUSÕES PARCIAIS

As ligações entre os escritores existem tanto dentro quanto fora dos textos por mim analisados e podem ser facilmente verificados (um deles é um texto de juventude de Perec chamado *Manderre*, que é um pastiche de um livro bastante peculiar de Gide cujo título é *Paludes*).

Embora separados pelo tempo – Gide nasce em 1869 e falece em 1951, e Perec vem ao mundo em 1936 e morre em 1982) – e levadas em consideração as evidentes

diferenças em muitos aspectos (como biografias, formação intelectual e até mesmo situação financeira...), os “diálogos” que podem ser estabelecidos conduziram-me a uma conclusão parcial: para ambos, uma das funções básicas da literatura - se não a principal - deve ser a de libertar o leitor da passividade comum ao mero espectador, e de trazê-lo não só para dentro da narrativa que têm sob os olhos, mas para o centro das discussões da sua atualidade. O fazer literário, para Gide e Perec, não é uma atividade solitária e demiúrgica, na qual o autor possui a chave do Universo; o escritor deve ser alguém que duvida de tudo e de todos, e que está em busca não de uma verdade definitiva, mas do conhecimento do mundo que o cerca e de si mesmo. E, nos caminhos percorridos pelo escritor, o leitor é a peça principal; cabe a ele, após a leitura, procurar seu próprio sentido, não somente para a literatura, mas sobretudo para a sociedade da qual faz parte.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BAKHTIN, Mikhail (1970). *La poétique de Dostoiévski*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1989). *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.
- GIDE, André (2001[1925]). *Les Faux-monnayeurs*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. (2001[1927]). *Journal des Faux-monnayeurs*. Paris: Gallimard.
- GOULET, Alain (1991). *Les Faux-monnayeurs mode d'emploi*. Paris: SEDES.
- JAMESON, Frederic (2004). *Espaço e imagem. Teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- KRISTEVA, Julia (1969). *Semeiotiké. Recherches pour une sémanalise*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1974). *La révolution du langage poétique*. Paris: Seuil.
- PEREC, Georges (1989). *53 jours*. Paris: POL.
- RIBIÈRE, M. (org.) (1990). *Parcours Perec*. Lyon: PUF.